

Eudoro de Souza chamou a “grecidade da Grécia”, através dos instrumentos pelos quais também um grego das eras antigas absorvia esse *modo de ser*. A reprodução das fotografias, é excelente, sua escolha também, geralmente, feliz. A ordem contudo é confusa, faltando de todo legendas explicativas, defeito imperdoável que impossibilita ao leitor leigo a compreensão daquilo que vê. A arrumação das fotografias todas juntas no início também não é a ideal. Seria mais agradável tê-las ilustrando as diversas partes do livro — a fim de que suas potencialidades comunicativas fossem plenamente exploradas, como parte orgânica de um volume tão bem composto e interessante, que traz de novo até os nossos dias essa que foi a máxima criação do mundo antigo: a democracia.

JACYNTHO LINS BRANDAO

SESECA. *Édipo*. Tradução do original latino por Johnny José Mafra. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982. 113 p. Inclui o original latino.

A obra em questão vem ajudar a suprir grave lacuna no mercado editorial brasileiro, em que raramente se encontram edições bilingües dos textos clássicos. Como nas melhores publicações estrangeiras, o *Édipo*, de Sêneca, foi composto com detalhado cuidado gráfico, podendo facilmente o leitor percorrer o original se valendo da tradução ou mergulhar nesta conferindo-a, quando necessário, com o texto latino.

A eficiente tradução do Prof. Johnny José Mafra atende às exigências do leitor culto sem deixar de ser acessível aos não iniciados, o que se consegue também através das notas de pé-de-página, elucidativas das referências feitas pelo autor cujo entendimento depende do conhecimento de fatos da cultura greco-latina. O processo se completa através de estudo sobre o teatro romano e a época de Sêneca. Por ele se aprende que o filósofo romano era natural de Córdova, na Espanha, mas que foi em Roma que exerceu “sua atividade como advogado e como político”, tendo sido ainda instrutor e conselheiro de Nero, de quem partiu a ordem para que se matasse, o que Sêneca fez cortando os próprios pulsos, no ano 65 d.C.

Em seguida, percorre o tradutor a evolução do tema da peça, dos primórdios até o poeta latino, anotando como devia Édipo figurar já das sagas militares trazidas pelos helenos ao transmigrarem para a Europa no segundo milênio a.C. Apesar das referências encontradas nos poemas homéricos, apenas “a tragédia ática completa a evolução da lenda e aperfeiçoa-a através dos trabalhos de Êsquilo (...) Eurípides (...) e, sobretudo, Sófocles” (p. 13). Em todas as versões mantém-se, apesar das variantes, o núcleo central: “o decreto do destino que condena Édipo, antes de nascer, a ser o assassino de seu pai e a vir a casar-se com a mãe” (p. 13). Discute-se ainda o problema da culpa e narra-se o conteúdo básico da lenda, como conservada e aproveitada pelos tragediógrafos gregos, em confronto com um resumo da adaptação latina.

Finalmente, uma rápida referência à estrutura da peça e a outras projeções da tragédia em questão fecham o texto introdutório. Dele fica bem clara a distância que separa Sófocles de Sêneca: “Embora sem poder alcançar a força dramática do poeta grego, Sêneca mostra, em *Édipo*, traços de originalidade, como se pode ver na descrição da peste ou na cena do sacrifício. Além de ser original, a narração da cena de necromancia é de uma beleza dificilmente igualável” (p. 11). Merece ainda destaque a figura de Jocasta, a qual, “antes de morrer (...) aproxima-se de Édipo já destruído e chama-o de ‘meu filho’ (...) um enternecimento tético, misturado ao pavor e ao desespero” (p. 12).

Sem dúvida, trata-se de excelente contribuição à bibliografia sobre o tema, sobretudo se considerarmos que foi o poeta em questão, de preferência, o intermediário entre os antigos gregos e a Idade moderna. A cena de invocação da alma do falecido pai, criação de Sêneca, faz lembrar o *Hamlet*, de Shakespeare, que provavelmente se terá inspirado no autor latino. É interessante, quanto a isso, observar ainda que Freud, ao usar o texto de Sófocles como ilustração para sua teoria sobre o “complexo de Édipo”, num estudo sobre a interpretação dos sonhos, toma como base também a peça de Shakespeare, o que faz que, de um certo modo, o fenômeno psicanalítico descrito possa ser qualificado também como “complexo de Hamlet”. Consciente ou inconscientemente, toca o psicanalista no intrincado problema da transmissão dos temas gregos, já que Sêneca, poderíamos afirmar, encontra-se *entre* Sófocles e Shakespeare.

Ajunte-se a isso que os próprios conceitos do trágico e da tragédia serão retomados, nos tempos modernos, a partir do escritor latino de que tratamos. Nele, com efeito, é que os conceitos e normas serão colhidos, o que demonstra ainda mais a oportunidade do livro agora editado. De sua grande produção para o teatro, apenas uma tradução da *Medéia* pode ser facilmente encontrada, ficando os demais textos reservados ao âmbito dos latinistas com ânimo de empreender viagem, nem sempre fácil, através deles. Que trabalhos como o do Prof. Johnny José Mafra — que tira agora o *Édipo* dessa espécie de limbo — não deixem de aparecer cada vez com maior freqüência.

JACYNTHO LINS BRANDAO

FLAVIUS JOSEPHUS. *Autobiografia*. Tradução, introdução e notas por Rubens dos Santos. ENSAIOS DE LITERATURA E FILOLOGIA. Belo Horizonte, Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFMG, 1981. v. 3.

FLAVIUS JOSEPHUS. *Defesa dos Judéus contra Apíon e outros caluniadores*. Tradução, introdução e notas por Rubens dos Santos. Belo Horizonte, Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFMG, 1986. v. 6.

Por condenável que seja a tradução de textos, pela ação demolidora que exerce sobre a obra original, não se pode negar seu valor como preservadora e transmissora da cultura bem como dos próprios textos traduzidos. Não houvesse, por exemplo, a versão moderna das obras da antigüidade grega, o tratamento com as fontes seria privilégio de uns poucos que privam da intimidade da língua de Homero. Os demais estudantes e pesquisadores se conformariam apenas com a exegese feita por esses privilegiados. A obra histórica e política de Joseph Ben Mathias é hoje inacessível ao pesquisador universitário e, nem por isso, perdeu seu valor como intérprete do momento histórico vivido pelo seu autor. É, no entanto, uma leitura reservada a poucos, visto serem poucos — e entre os historiadores, raros — os que se dedicam ao estudo do grego.